

Suicídio, Indivíduo e Contexto: Representações Sociais de Suicídio em um Jornal Brasileiro

Suicide, the Individual, and Context: Social Representations of Suicide in a Brazilian Newspaper

Suicidio, Individuo y Contexto: Representaciones Sociales de Suicidio en un Periódico Brasileño

Suicide, Individu et Contexte : Représentations Sociales du Suicide dans un Journal Brésilien

 10.5020/23590777.rs.v25i1.e15138

Lorena Schettino Lucas  

Graduada (2016), Mestra (2019) e Doutora (2024) em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com período de estágio doutoral na Universidade de Coimbra/Portugal (2022/2023).

Mariana Bonomo  

Doutora e Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010; 2004), com período de estágio doutoral na Università di Bologna/Italia (2008-2009). Atua como Docente permanente do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, onde orienta estudantes em Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado na linha de processos psicossociais.

Resumo

Este estudo investigou as representações sociais de suicídio em reportagens veiculadas pelo jornal Folha de São Paulo, a partir de três eixos temáticos definidos a priori: i) como o suicídio é retratado; ii) como quem se suicida é caracterizado; e iii) como os contextos práticos do cotidiano se associam ao suicídio. Como fonte de dados, foram utilizadas 103 reportagens veiculadas entre 2015 e 2021 no Twitter pelo jornal Folha de São Paulo, cujo corpus de dados textuais foi submetido à análise de conteúdo. Os resultados demonstraram: i) relações de oposição e complementariedade em relação ao objeto suicídio; ii) denominações descritivas, pejorativas e positivas sobre quem se suicida; e iii) contextos sociais e individuais associados ao fenômeno. Discute-se sobre os processos de ancoragem, a função da nomeação do objeto como transtorno mental, a dimensão contextual das representações sociais de suicídio e a objetivação de quem se suicida como pessoa com transtorno, problemática e vitimizada. Conclui-se que tais representações mantêm uma dualidade na construção de um discurso público que, por um lado, estimula o debate do suicídio como problema de saúde pública evitável e, por outro, faz uso de recursos que têm o potencial de aumentar o número de mortes autoprovocadas para repercutir as notícias.

Palavras-chave: suicídio, representação social, psicologia social, mídia.

Abstract

This study examined social representations of suicide in news reports published by the newspaper Folha de São Paulo, guided by three a priori themes: i) how suicide is portrayed; ii) how people who die by suicide are characterized; and iii) how everyday practical contexts are linked to suicide. The data source comprised 103 reports disseminated on Twitter by Folha de São Paulo between 2015 and 2021. The textual corpus was subjected to content analysis. The results showed i) relations of opposition and complementarity regarding the object "suicide"; ii) descriptive, pejorative, and positive labels applied to people who die by suicide; and iii) individual and social contexts associated with the phenomenon. The discussion addresses anchoring processes, the role of naming the object as a mental disorder, the contextual dimension of social representations of suicide, and the objectification of people who die by suicide as disordered, problematic, and victimized. We conclude that these representations sustain a duality in the construction of public discourse: on one hand, they foster debate on suicide as a preventable public health issue; on the other, they employ devices that can increase the number of self-inflicted deaths to amplify news impact.

Keywords: suicide, social representation, social psychology, media.

Resumen

Este estudio investigó las representaciones sociales de suicidio en reportajes vehiculadas por el periódico Folha de São Paulo, a partir de tres ejes temáticos definidos a priori: i) como el suicidio es retratado; ii) como quien se suicida es caracterizado; y iii) como los contextos prácticos del cotidiano se asocian al suicidio. Como fuente de datos, fueron utilizadas 103 reportajes vehiculadas entre 2015 y 2021 en Twitter por el periódico Folha de São Paulo, cuyo corpus de datos textuales fue sometido al análisis de contenido. Los resultados demostraron: i) relaciones de oposición y complementariedad con relación al objeto suicidio; ii) denominaciones descriptivas, peyorativas y positivas sobre quien se suicida; y iii) contextos sociales e individuales asociados al fenómeno. Se discute sobre los procesos de anclaje, la función del nombramiento del objeto como trastorno mental, la dimensión contextual de las representaciones sociales de suicidio y la objetivación de quién se suicida como persona con trastorno, problemática y victimizada. Se concluye que tales representaciones mantienen una dualidad en la construcción de un discurso público que, por un lado, estimula el debate del suicidio como problema de salud pública evitable y, por otro, utiliza recursos que tienen el potencial de aumentar el número de muertes autoprovocadas para repercutir las noticias.

Palabras clave: suicidio, representación social, psicología social, medios.

Résumé

Cette étude a examiné les représentations sociales du suicide dans les reportages publiés par le journal Folha de São Paulo, en s'appuyant sur trois axes thématiques définis à l'avance : i) comment le suicide est décrit ; ii) comment la personne qui se suicide est caractérisée ; et iii) comment les contextes pratiques du quotidien sont associés au suicide. En tant que source de données, 103 reportages diffusés entre 2015 et 2021 sur Twitter par le journal Folha de São Paulo ont été utilisés, dont le corpus de données textuelles a été soumis à l'analyse de contenu. Les résultats ont montré : i) des relations d'opposition et de complémentarité par rapport à l'objet suicide ; ii) des désignations descriptives, péjoratives et positives concernant ceux qui se suicident ; et iii) des contextes sociaux et individuels associés au phénomène. On discute des processus d'ancrage, du rôle de la nomination de l'objet en tant que trouble mental, de la dimension contextuelle des représentations sociales concernant le suicide et de l'objectivation de ceux qui se suicident en tant que personnes atteintes d'un trouble, problématiques et victimisées. On conclut que ces représentations maintiennent une dualité dans la construction d'un discours public qui, d'une part, stimule le débat sur le suicide en tant que problème de santé publique évitable et, d'autre part, utilise des ressources susceptibles d'augmenter le nombre de décès auto-infligés afin de répercuter les nouvelles

Mots-clés : suicide, représentation sociale, psychologie sociale, médias.

Permitindo a mediação entre o sujeito e o mundo, as representações sociais estão intrinsicamente ligadas à esfera pública. É neste universo que elas emergem, bem como é a partir de práticas comunicativas da vida pública que são geradas; através de espaços de diálogo e das diferentes formas de linguagem, de rituais, de padrões de trabalho e de todas as variadas formas de mediações sociais que integram os grupos sociais (Jovchelovitch, 1996, 2011).

Constituindo-se como mediadoras entre o sujeito e o mundo social, as representações sociais se caracterizam como teorias do senso comum, geradas a partir das práticas comunicativas das comunidades, estando intrinsicamente ligadas à esfera pública (Binotto & Bruno, 2021; Jovchelovitch, 2011). Sendo um saber prático e socialmente elaborado, a construção de representações sociais acerca de determinado objeto social tem, entre outras finalidades, a função de orientar a maneira como os fenômenos associados a esse objeto são vividos e experienciados por sujeitos sociais (Jovchelovitch, 2011; Moscovici, 2004).

Em relação ao objeto social suicídio, suas representações sociais o têm relegado ao lugar do silenciamento, do não-dito, da repulsa e do intolerável (Meira et al., 2020). Entendido na comunidade científica como morte causada pelo próprio indivíduo por um ato projetado para ser letal, o fenômeno é o final de um *continuum* que inclui o comportamento suicida e a ideação suicida (Moutier et al., 2021). O comportamento suicida engloba um espectro de ações, de tentativas de suicídio e de comportamentos preparatórios para o suicídio completo. Já a ideação suicida faz referência ao processo de pensar, considerar ou planejar o suicídio (Moutier et al., 2021). Tal fenômeno é capaz de evocar julgamentos morais e, de acordo com o senso comum, torna-se um comportamento inaceitável por demonstrar covardia, egoísmo e fraqueza (Lucas & Bonomo, 2022; Meira et al., 2020). Tais elementos pejorativos e estereotipados, presentes nas representações sociais de suicídio, suscitam a importância de compreender a sua constituição, a fim de que propostas adequadas de intervenção sejam pensadas nos contextos sociais contemporâneos (Lucas & Bonomo, 2022).

Com o advento das novas tecnologias, a contemporaneidade é marcada por uma esfera pública cada vez mais digitalizada (Binotto & Bruno, 2021; Jovchelovitch, 2011). Nesse panorama, os meios de comunicação desempenham

papel importante nas teorias formuladas por grupos acerca de objetos que são concebidos como salientes no seu cotidiano (Moscovici, 2004). A mídia ocupa lugar de destaque na produção do conhecimento popular, tanto por compor um dos maiores meios de veiculação de ideologias, crenças e valores, como por promover debates que provocam o engajamento da sociedade (Oliveira et al., 2024).

A divulgação de notícias on-line sobre suicídio e a discussão sobre o tema nas redes sociais simbolizam espaços comuns em que o fenômeno vem sendo discutido com maior frequência (Lucas & Bonomo, 2022; Sinyor et al., 2021). A veiculação desses materiais na mídia é fator que pode trazer riscos (aumentando o número de suicídios) ou benefícios (contribuindo para a sua prevenção), a depender da maneira como tais publicações são elaboradas (Sinyor et al., 2023; Till et al., 2020).

Tendo em vista essas especificidades do tema, a Organização Mundial da Saúde (OMS) vem atualizando manuais voltados para profissionais de todos os tipos de mídia, com o intuito de diminuir os efeitos nocivos da veiculação inadequada sobre suicídio (OMS, 2000, 2008, 2017). Considerando o fenômeno como objeto social que está presente no debate público on-line, questiona-se de que maneira essas veiculações poderiam contribuir para a sociogênese das representações sociais sobre o tema e como tais representações poderiam orientar ações individuais e coletivas.

Seguindo necessidades, interesses e desejos dos grupos sociais, as representações sociais são formadas por processos cognitivos socialmente regulados, nomeados de objetivação e de ancoragem (Jodelet, 1984; Trindade et al., 2011). A objetivação é a operação estruturante que torna concreto aquilo que é abstrato, processo pelo qual o novo objeto será simplificado e tido como dimensão naturalizada da vida social. A partir desse processo, passa a existir um novo parâmetro para a percepção do objeto, de maneira que o núcleo figurativo se constitui como mediador entre o sujeito e a realidade (Jodelet, 1984; Trindade et al., 2011). Sua existência implica em três movimentos (Moscovici, 2004): a) seleção e descontextualização – os sujeitos selecionam parte do conjunto total de informações, que se relacionam a valores culturais, religiosos e experiências prévias; b) formação do núcleo figurativo, a partir dos elementos do núcleo conceitual; e c) naturalização dos elementos – os elementos construídos começam a ser identificados como elementos da realidade do objeto (Moscovici, 2004).

A ancoragem, por sua vez, corresponde ao modo pelo qual os elementos de um objeto são incorporados em sistemas de pensamento pré-existentes, permitindo que o indivíduo assimile o objeto em um sistema de valores de referência (Moscovici, 2004). Na ancoragem, as novas representações se inscrevem em sistemas de saber já existentes e transformam o conhecimento precedente, sendo concebido como processo formado por três etapas: a) a atribuição de sentido, em que significados e nomeação são atribuídos ao novo objeto; b) a instrumentalização do saber, que concede valor funcional às representações sociais; e c) o enraizamento em sistemas de pensamento preexistentes, em que as novas representações se tornam familiares (Moscovici, 2004; Trindade et al., 2011). A ancoragem aproxima-se da categorização social por classificar e atribuir sistemas de nomeação àquilo que é desconhecido (Bonomo et al., 2020; Cabecinhas, 2004; Silva, 2021).

Moscovici (1961/2012) também descreveu três modalidades diferentes de comunicação praticadas por organismos de imprensa que incidem sobre o processo formativo das representações: a difusão, a propagação e a propaganda. A difusão tem o objetivo de criar um conhecimento comum a partir de conteúdos interessantes para um público diversificado (Moscovici, 1961/2012). Já a propagação é uma adequação das informações a um sistema de crenças preestabelecido, com o intuito de protegê-lo das ameaças oferecidas pelos novos conhecimentos, orientando as atitudes dos indivíduos (Doise, 2011). A propaganda, por sua vez, interfere em condutas específicas e conflituosas, evidenciando o contraste entre o saber “verdadeiro” e o “falso” (Moscovici, 1961/2012).

Em relação às representações sociais de suicídio, a depressão tem se mostrado um elemento constante nos estudos conduzidos em diferentes populações. Em diversos grupos, o ato suicida é considerado como consequência final do estado depressivo do indivíduo (Alexandre et al., 2021; Bezerra et al., 2021; Calile & Chatelard, 2021; Kravetz et al., 2021; Lucas & Bonomo, 2023; Lucas et al., 2021; Meira et al., 2020; Oliveira et al., 2023), ainda que essa concepção não seja universalmente aceita no campo científico da psicologia e da psiquiatria, por privilegiar características patológicas em detrimento da multiplicidade individual e dos contextos históricos coletivos (Hjelmeland & Knizeth, 2017). Ao ser compreendido como resultado de um processo de adoecimento e ancorado nos sintomas clínicos da depressão, que é o transtorno mental mais prevalente no Brasil na atualidade (Boaventura et al., 2021), a principal vertente da prevenção do suicídio para o senso comum se materializa no acompanhamento médico e psicológico individual (Alexandre et al., 2021; Bezerra et al., 2021; Lucas & Bonomo, 2023; Melo et al., 2020).

Em relação à sociogênese das representações sociais, ela ocorre através de práticas e discursos dos integrantes da comunidade, que derivam do que veem nos meios de comunicação e nas experiências cotidianas vivenciadas (Jovchelovitch, 1996, 2011). Portanto, nesse processo formativo, os meios de comunicação podem desempenhar um papel importante nas teorias formuladas por grupos acerca de objetos que são concebidos como salientes no seu cotidiano. O contexto em que elas se constituem e se expressam também deve ser considerado como aspecto de fundamental importância (Justo et al., 2014). Representações distintas podem ser ativadas a depender da demanda contextual em que o objeto social está inserido, tendo em vista que esse contexto abrange fatores contingentes a situações de interação social (Flament & Rouquette, 2003; Justo et al., 2014). Essa noção equivale ao conceito de metassistema, que é composto por normas sociais que regulam o sistema cognitivo (Doise, 2011).

A interação entre sujeito, objeto e contexto compreende uma relação dinâmica e dialógica em que o suicídio se constitui como elaboração do sujeito em interação direta com o seu meio social (Marková, 2006; Palmonari & Cerrato, 2011). Além disso, investigar representações sociais de suicídio em discursos midiáticos pode ser útil para subsidiar mudanças voltadas para uma maior qualificação das reportagens no âmbito da prevenção, com o abandono de estereótipos prejudiciais às pessoas que sofrem e com a expansão do que se entende por saúde mental, para além das questões individuais.

Considerando o exposto, este trabalho buscou investigar as representações sociais de suicídio em reportagens veiculadas pelo jornal *Folha de São Paulo*, tendo como objetivos específicos analisar os seguintes eixos temáticos, *a priori* definidos: i) compreender como o suicídio é retratado nas peças jornalísticas analisadas; ii) conhecer como a pessoa que se suicida é caracterizada no *corpus* textual em análise; e iii) identificar os contextos práticos do cotidiano associados ao fenômeno suicídio.

Método

Fonte dos Dados

Como fonte de dados, foram utilizadas 103 reportagens, publicadas pelo jornal *Folha de São Paulo* no seu perfil do *Twitter*, que abordavam o tema suicídio. Para serem incluídas no *corpus* de dados, as reportagens deveriam atender aos seguintes critérios: i) terem o suicídio como tema central, ou seja, possuírem termos descritores para o suicídio em seu título e/ou em seu subtítulo; ii) estarem disponíveis para leitura gratuita; iii) terem sido alvo de discussão com, pelo menos, um comentário dos internautas no *Twitter* ou no próprio site do jornal; e iv) terem sido veiculadas entre 2015 e 2021. Foram desconsideradas, portanto, todas as reportagens que não atendiam aos critérios estabelecidos.

Quanto à escolha do marco temporal de início da veiculação das reportagens analisadas, elegeu-se o ano de 2015 por conta do maior destaque que o tema obteve na mídia e nas redes sociais devido à criação da campanha nacional de prevenção do suicídio intitulada *Setembro Amarelo* (Oliveira et al., 2020). Em relação à escolha do jornal *Folha de São Paulo*, esta foi feita a partir dos dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC), que apontam o folhetim do Grupo Folha como o site brasileiro noticioso de jornal com mais audiência no Brasil (IVC, 2020).

Procedimento de Coleta dos Dados

Para a coleta dos dados, foi utilizada a ferramenta de busca avançada do *Twitter*, que oferece filtros de procura, tendo sido utilizados os seguintes recursos: no campo *Idioma*, selecionou-se o Português; em *Destas Contas*, foi utilizado o perfil oficial do jornal *Folha de São Paulo* no *Twitter*, a saber, @folha; no campo *Filtros*, foram habilitados as respostas e os links; o *Número mínimo de respostas* foi preenchido com o número um (1); e no campo *Datas*, foi selecionado o dia 01 de janeiro de 2015 como data de início e 31 de dezembro de 2021 como data final.

No que se refere aos descritores utilizados para acessar o conteúdo jornalístico específico sobre a temática do suicídio, no campo de busca “Qualquer uma dessas palavras”, foram adicionados os seguintes termos, considerando as expressões utilizadas pela mídia para o debate acerca do tema: *suicídio*, *suicídios*, *suicida*, *suicidas*, *ideação suicida*, *pensamento suicida*, *pensamentos suicidas* e *parassuicídio*. Das 103 reportagens identificadas, 69 foram a partir do descritor *suicídio* ($f=69$), 15 por meio do descritor *suicídios* ($f=15$), 16 a partir do descritor *suicida* ($f=16$), duas através do descritor *suicidas* ($f=2$) e uma com o descritor *pensamentos suicidas* ($f=1$). Após a aplicação dos filtros de busca, foram excluídas as reportagens duplicadas.

Tratamento e Análise dos Dados

O conteúdo das reportagens selecionadas foi organizado em uma tabela de extração dos dados que continha seções específicas para o título e subtítulo da reportagem, a data de publicação, o texto completo da reportagem e o link para acesso direto ao conteúdo on-line. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo (Bardin, 2002; Oliveira, 2008), com o intuito de identificar os seguintes eixos temáticos propostos por Lucas & Bonomo (2022): i) como o suicídio é retratado; ii) como quem se suicida é caracterizado; e iii) como o contexto do suicídio é abordado. Essa classificação norteadora serviu para organizar o *corpus* base e o processo de categorização foi realizado por dois juízes, internamente a cada conjunto de conteúdo gerado, a partir dos eixos definidos *a priori* por Lucas e Bonomo (2022).

No processo de análise, para cada um dos três eixos propostos (Lucas & Bonomo, 2022), foram selecionados fragmentos de textos das reportagens, que se constituíram nas Unidades de Contexto (UC). As UC são segmentos de texto com dimensões que permitem compreender os significados das Unidades de Registro (UR). As UR, por sua vez, são unidades a partir das quais se faz a segmentação do conjunto do texto para análise, ou seja, os segmentos de texto que contêm uma assertiva sobre o objeto de estudo (Oliveira, 2008). Em seguida, foram identificadas as categorias e subcategorias temáticas de cada eixo, apresentadas e descritas na seção de resultados.

Resultados

Os resultados apresentados a seguir foram organizados a partir dos três eixos temáticos, elaborados *a priori* (Lucas & Bonomo, 2022), visando responder às questões norteadoras: i) como o suicídio é retratado? (Tabela 1); ii) como quem se suicida é caracterizado? (Tabela 2); e iii) como o contexto do suicídio é abordado? (Tabela 3). Cada eixo é descrito em conjunto com as categorias e subcategorias temáticas a que se referem, com suas descrições, UC e UR.

Na Tabela 1, são apresentadas as categorias do eixo temático 1, que se referem a como o suicídio é retratado no conjunto de reportagens analisadas. Seus conteúdos se relacionam tanto a partir de oposições – como em *Motivado por uma única causa* ($f=32$) e *Fenômeno Multifatorial* ($f=25$); e em *Associado a crimes* ($f=19$) e *Suicídio assistido e eutanásia* ($f=14$) –, quanto a partir de uma complementariedade de sentido – como em *Evitável* ($f=31$) e *Problema de saúde pública* ($f=24$); e em *Associado a transtornos mentais* ($f=22$) e *Fuga da realidade* ($f=16$).

Tabela 1

Categorias do eixo temático 1 – como o suicídio é retratado

Categorias	Descrição geral da categoria	Unidades de Contexto (UC)	Unidades de Registro (UR)	Subcategorias	f
Motivado por uma única causa	Atribui uma única causa ao episódio de suicídio noticiado	“A competição começa cedo e é difícil para adultos desligarem o impulso competitivo que desenvolveram como crianças. (...) Na semana passada, houve um dos exemplos mais bizarros da natureza competitiva da Coreia do Sul”.	32	Resultado de uma sociedade competitiva	4
				Resultado de <i>bullying</i>	3
				Resultado de <i>cyberbullying</i>	3
				Resultado de jogos de desafio	3
				Resultado de estresse	2
				Resultado de lendas de espíritos malignos	1
				Resultado de transfobia	1
				Resultado do uso de drogas	1
				Resultado de uma sociedade louca	1
Fenômeno multifatorial	Compreensão do suicídio como fenômeno multifatorial associado a diversos fatores	“Estudiosos mencionam questões sobre sexualidade, dificuldade de lidar com frustrações, <i>bullying</i> , pressão pela escolha carreira e por um bom desempenho escolar como conflitos que surgem nesta idade e podem funcionar como agravantes”.	25		
Associado a crimes	Debate sobre suicídio inserido em contextos de crimes e investigações policiais	“A operação da Polícia Federal que investigava desvios de verba na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e que culminou no suicídio do reitor Luiz Carlos Cancellier, dias após sua prisão, é o retrato do Brasil, diz Paulo Markun, autor de <i>Recurso Final</i> , livro recém-lançado sobre o caso”.	19	Associado a investigações policiais	9
				Atentado suicida	6
				Homicídio seguido de suicídio	4
Suicídio assistido e eutanásia	Especificidades do suicídio assistido e da eutanásia como direitos do indivíduo	“A função do Estado é proteger o cidadão do mal que terceiros possam causar a ele, não a de impedir os males que ele pode infligir a si mesmo”.	14	Direito do indivíduo	7
				Suicídio assistido	7
Evitável	O suicídio é um fenômeno evitável e de que existe uma série de medidas que podem ser tomadas para a sua prevenção	“Isso quer dizer que nove em cada 10 suicídios são evitáveis”.	31	Evitável	24
				Como evitar o efeito de contágio	7

Problema de saúde pública	Menção do tema como questão de saúde pública, principalmente durante a pandemia de COVID-19	“Em 2017, o Ministério da Saúde lançou o primeiro boletim epidemiológico sobre o suicídio no Brasil, que apontou um aumento na taxa geral – de 5,3 por cem mil indivíduos em 2011 para 5,7 em 2015 e estabeleceu como meta reduzir em 10% a mortalidade por suicídio até 2020”.	24	Associado à pandemia de COVID-19	13
				Problema de saúde pública	11
Associado a transtornos mentais	Suicídio como consequência dos transtornos mentais, principalmente da depressão	“Se você criar um diálogo em que fique claro que o suicídio é geralmente o ponto final da depressão, que é a solução permanente para um problema temporário, que a depressão é tratável, muitas vidas seriam salvas”, diz Solomon em entrevista por telefone à Folha. Esta parece ser a principal bandeira de Solomon, que trata sua depressão há décadas”.	22	Resultado da depressão	14
				Associado a transtornos mentais	8
Fuga da realidade	Suicídio entendido como forma de fugir da realidade em diversos contextos	“Tal discrepância sugere que o suicídio dos policiais tem relação direta com as condições de vida e de trabalho desses profissionais, que lidam diariamente com uma realidade repleta de dores e tristezas. Homicídios, perseguições, estupros, assaltos e brigas, entre outras situações violentas, fazem parte de seu cotidiano”.	16	Forma de escapar da realidade de trabalho	11
				Forma de escapar da realidade	4
				Forma de escapar da realidade escolar	1

Em relação a como o suicídio é retratado, na categoria *Motivado por uma única causa* ($f=32$), os conteúdos das reportagens atribuem uma única causa ao episódio de suicídio que está em pauta. Essa causa única, contudo, é diferente em cada reportagem, sendo o fenômeno considerado como resultado de uma sociedade competitiva e louca, do *bullying* e *cyberbullying*, dos jogos de desafio, das lendas de espíritos malignos, do estresse, do uso de drogas e da transfobia. Em contrapartida, na categoria *Fenômeno multifatorial* ($f=25$), há a compreensão do suicídio como fenômeno associado a diversos fatores.

Na categoria *Problema de saúde pública* ($f=24$), o suicídio é definido como questão concernente à esfera pública e âmbito da saúde, compreensão esta que foi fortalecida, principalmente, a partir da associação do tema com a *pandemia de COVID-19*. Já na categoria *Evitável* ($f=31$), há o entendimento de que o suicídio é um fenômeno passível de ser evitado e de que existe uma série de medidas que podem ser tomadas para a sua prevenção. Destaca-se, especificamente, *como evitar o efeito de contágio* do suicídio a partir das orientações de veiculação do assunto na mídia.

Ao ser *Associado a transtornos mentais* ($f=22$), o suicídio é retratado como consequência final de diversos tipos de transtornos, como os de humor e/ou os de personalidade (*borderline*), além de ser visto como resultado da *depressão*. O fenômeno também é caracterizado como *Fuga da realidade* ($f=16$), ou seja, representando suposta dissociação da realidade em contextos diversos, como o de *trabalho* e o *escolar*. Na categoria *Suicídio assistido e eutanásia* ($f=14$), o conteúdo trata sobre as especificidades dessas práticas, sendo representado como *direito do indivíduo*. Em oposição, ao ser *Associado a crimes* ($f=19$), o debate sobre o fenômeno é inserido em contextos de investigações policiais e de crimes que estão sendo noticiados, como *atentado suicida* e *homicídio seguido de suicídio*.

Na Tabela 2, são apresentadas as categorias do segundo eixo temático, em que o foco da análise se volta para o indivíduo que se suicida. Seus conteúdos trazem concepções que retratam quem se suicida de forma mais descritiva – como nas categorias *Possuem transtornos mentais* ($f=48$), *Segundo marcadores sociais* ($f=43$) e *Segundo a Ocupação* ($f=18$) –, de forma pejorativa – como nas categorias *Problemáticos* ($f=24$) e *Criminosos* ($f=20$) –, e através de sentidos positivos – como na categoria *A partir de conotações positivas* ($f=16$).

Tabela 2

Categorias do eixo temático 2 – como quem se suicida é caracterizado

Categorias	Descrição geral da categoria	Unidades de Contexto (UC)	Unidades de Registro (UR)	Subcategorias	f
Possuem transtornos mentais	Pessoa que se suicida como alguém doente, que possui transtornos mentais, principalmente depressão	“Bruna Correia, 23, é caloura e a primeira da família a entrar na USP. Diagnosticada com bipolaridade, ela toma medicação, mas não faz terapia por depender da oferta do SUS. ‘Fui ao Instituto de Psicologia e ao Hospital Universitário para tentar atendimento, mas acabei desistindo porque a fila é imensa’, afirma”.	48	Com diagnóstico de transtornos mentais	17
				Depressivos	12
				Doentes	10
				Estressados	8
				Loucos	1

Segundo marcadores sociais	Caracterização da pessoa que se suicida a partir da sua classificação segundo idade, sexo e orientação sexual	“Segundo especialistas, os adolescentes também estão mais vulneráveis ao suicídio porque, entre outros fatores, tendem a ser mais imediatistas e impulsivos. ‘O cérebro do adolescente ainda não está plenamente maduro. O sistema de freios e contrapesos precisa ser formado, em uma gestação social e cultural’, explica Neury Botega, psiquiatra e professor da Unicamp”.	43	Crianças e adolescentes	20
				Idosos	8
				Homens	5
				Jovens adultos	4
				Mulheres	3
				População LGBTQIA+	3
Segundo a ocupação	Caracterização das pessoas que se suicidam a partir da sua ocupação, sendo elas figuras públicas, estudantes ou militares	“Os números foram publicados na mesma semana em que a estilista Kate Spade e o famoso chef Anthony Bourdain tiraram a própria vida”.	18	Figura pública	8
				Estudantes	4
				Policiais	4
				Veteranos de guerra	2
Problemáticos	Pessoa que se suicida como alguém com problemas de ordens diversas, que geram sentimentos e reações como isolamento e desespero	“Os problemas começaram em 2004, após sua primeira experiência olímpica, e Phelps chegou a buscar refúgio nas drogas. Em 2008 foi fotografado fumando maconha, algo do qual ele se diz arrependido. As drogas eram uma tentativa de escapar ‘de todas as coisas de que eu tentava fugir’, explica”.	24	Usam drogas	8
				Isolados	7
				Desesperados	5
				Com problemas financeiros	4
Criminosos	Atribui à pessoa que tenta suicídio a alcunha de criminosa, seja por envolvimento em investigações policiais ou por atentados terroristas	“Este é o primeiro caso de suicídio envolvendo um político de primeiro escalão investigado no escândalo da Lava Jato —um ex-secretário do governo colombiano também se suicidou, mas ele era apenas testemunha no caso e não era acusado de irregularidades”.	20		
A partir de conotações positivas	Caracteriza a pessoa que se suicida a partir de conotações positivas e ressalta as qualidades do falecido	“Lorna não foi a única vítima de suicídio relacionado ao coronavírus entre profissionais da saúde de Nova York”.	16	Vitimizados	6
				Com muitas qualidades	4
				Guerreiros	4
				Tinham tudo	2

A categoria *Possuem transtornos mentais* ($f=48$) retrata quem se suicida a partir da imagem de pessoa *doente*, que possui *diagnóstico de transtornos mentais*. Dentre os transtornos citados nas reportagens, destaca-se a descrição dos indivíduos que se suicidam como *deprimidos*, ou seja, que possuem os sintomas clínicos da depressão. Já na categoria *Problemáticos* ($f=24$), quem se suicida é adjetivado a partir de sentidos pejorativos, como pessoa com problemas de ordens diversas, como *usuários de drogas* ou que possuem *problemas financeiros*, além de reações como *desespero* e *isolamento*.

Em outra categoria, há conteúdos que caracterizam quem se suicida *Segundo marcadores sociais* ($f=43$). Destaca-se a figura das *crianças e adolescentes* como vítimas principais, seguidas dos *idosos*, *homens*, *jovens adultos*, *mulheres* e *população LGBTQIA+*. Na mesma lógica de descrição de quem se suicida, a categoria *Segundo a ocupação* ($f=18$) reúne reportagens que identificam as pessoas que se suicidam a partir da sua ocupação profissional, sendo elas *figuras públicas*, *estudantes*, *policiais* ou *veteranos de guerra*.

Agrupando conteúdos que atribuem à pessoa que tenta suicídio a alcunha de criminosa, seja por envolvimento em investigações policiais ou por atentados terroristas, está a categoria *Criminosos* ($f=20$). Em oposição, a categoria *A partir de conotações positivas* ($f=16$) retrata quem se suicida a partir de conotações positivas e ressalta as qualidades do falecido. Pessoas que se suicidam são vistas como *vitimizados*, *com muitas qualidades*, *guerreiras* e *que tinham tudo*.

Na Tabela 3, são apresentadas as categorias do eixo temático 3, focalizando o contexto em que o suicídio ocorre. O conteúdo que descreve o contexto do suicídio se subdivide em duas categorias principais: *Contexto social* ($f=46$) e *Contexto individual* ($f=43$).

Tabela 3

Categorias do eixo temático 3 – como os contextos cotidianos se associam ao suicídio

Categorias	Descrição geral da categoria	Unidades de Contexto (UC)	Unidades de Registro (UR)	Subcategorias	f
Contexto social	Conteúdo que retrata o contexto social de episódios de suicídio em diferentes grupos sociais, como a pandemia de COVID-19 e as más condições de trabalho	“Pela primeira vez em mais de uma década, o número de suicídios voltou a subir no Japão, em uma tendência que pesquisadores apontam como consequência da pandemia de coronavírus”.	46	Pandemia de COVID-19	11
				Más condições de trabalho	10
				Disputas políticas/econômicas	7
				Sociedade competitiva	5
				Exposição do suicídio na mídia	5
				Rotina escolar/universitária	4
				Acesso a armas de fogo	3
				Jogos de desafios	3
				Acesso a drogas	1
				Desigualdade social	1
				Floresta assombrada	1
Contexto individual	Retrata o contexto individual do caso de suicídio noticiado, sendo ele relacionado a temas diversos	“Aos 43 anos, a escritora enfrenta a depressão e a ansiedade desde a adolescência, época em que começou a desenvolver ‘uma vontade muito grande de morrer’”.	43	Adoecimento psicológico	12
				Investigação policial	12
				Adoecimento físico	5
				Envelhecimento	5
				Homicídio seguido de suicídio	3
				Dívidas do indivíduo	2
				Exposição em redes sociais	2
				Preconceito no trabalho	1
				Consumo de drogas	1

A categoria *Contexto social* ($f=46$) faz menção ao conteúdo das reportagens, evidenciando o contexto de episódios de suicídio em diferentes grupos sociais, a partir de uma perspectiva macrossocial. Destaca-se o suicídio no contexto da *pandemia de COVID-19*, associado a *más condições de trabalho*, em meio a *disputas políticas/econômicas*, e em uma *sociedade competitiva e desigual*. O tema também é considerado a partir da *exposição do suicídio na mídia*, associado à *rotina escolar/universitária*, considerado a partir da facilidade de acesso a *armas de fogo* e a *drogas*, dos *jogos de desafios* e na *floresta assombrada*.

Já a categoria *Contexto individual* ($f=43$) refere-se às publicações que apresentam o contexto de vida dos indivíduos que tentaram suicídio. Nesses contextos, destaca-se o *adoecimento físico e psicológico*, assim como a participação em *investigação policial*. Também estão presentes o *envelhecimento*, os casos de *homicídio seguido de suicídio*, as *dívidas*, situações de *exposição em redes sociais*, de *preconceito no trabalho* e o *consumo de drogas*.

Na Figura 1, observa-se a esquematização gráfica que reúne as três dimensões investigadas e as respostas às três questões norteadoras deste estudo, sendo elas: i) como o suicídio é retratado?; ii) como quem se suicida é caracterizado?; e iii) como o contexto do suicídio é abordado?. As relações de oposição e de complementação entre as categorias, bem como os sentidos descritivos, pejorativos e positivos encontrados, também se encontram destacados na esquematização.

Figura 1

Síntese das categorias e subcategorias dos eixos temáticos.



Em relação ao eixo temático 1 – *Como o suicídio é retratado* –, observaram-se relações de oposição e de complementação entre os significados presentes no conteúdo analisado. As categorias *Motivado por uma única causa* ($f=32$) e *Fenômeno Multifatorial* ($f=25$) apresentam ideias opostas em relação aos motivadores para o suicídio, considerando que a primeira categoria dispõe sobre causas únicas enquanto a segunda apresenta a ideia de existência do conceito de multifatorialidade do ato. Também as categorias *Associado a crimes* ($f=19$) e *Suicídio assistido e eutanásia* ($f=14$) apresentam sentidos que se opõem, tendo em vista que, na primeira, o suicídio está associado a crimes e, na segunda, ele é entendido como direito dos indivíduos em situações de adoecimento (principalmente físico) e envelhecimento. As relações de complementariedade, por sua vez, estão presentes nas categorias *Evitável* ($f=31$) e *Problema de saúde pública* ($f=24$), considerando que o suicídio, ao ser associado a problemas de saúde, também é visto como evitável. Nas categorias *Associado a transtornos mentais* ($f=22$) e *Fuga da realidade* ($f=16$), a relação de complementação pode ser entendida a partir da concepção de que a fuga da realidade também integra os entendimentos acerca dos transtornos mentais.

No eixo temático 2 – *Como quem se suicida é caracterizado* – foram observados categorias e conjuntos de categorias com sentidos descritivos, pejorativos e positivos acerca do indivíduo que se suicida. As categorias *Possuem transtornos mentais* ($f=48$), *Segundo marcadores sociais* ($f=43$) e *Segundo a Ocupação* ($f=18$) possuem compreensões sobre quem se

suicida a partir de termos descritivos (como sexo, profissão, idade e se possui diagnóstico de transtorno mental), comumente utilizados em pesquisas científicas acerca do tema. Já os sentidos pejorativos estão presentes nas categorias *Problemáticos* ($f=24$) e *Criminosos* ($f=20$), no qual o suicida é visto como criminoso, usuário de drogas e isolado. Por fim, os sentidos positivos se concentram em uma única categoria, *A partir de conotações positivas* ($f=16$), que traz conteúdos que consideram quem se suicida a partir das suas conquistas e suas características positivamente valoradas pelo meio social.

Discussão

A análise dos dados encontrados demonstrou que as comunicações sobre suicídio no jornal *Folha de São Paulo* ocorreram, em grande parte, pela modalidade de difusão. Considerando as particularidades de cada modalidade comunicativa (Moscovici, 1961/2012), a difusão se caracteriza a partir do seu caráter informacional, ou seja, o seu foco está voltado para o ato de informar diferentes públicos acerca do objeto social em questão. Ao apresentar o tema do suicídio como questão de saúde pública, ao elencar formas de evitá-lo e ao debater suas possíveis causas, através de dados estatísticos e marcadores sociais, o jornal contribui para a formação de um conhecimento comum sobre o tema e para a adaptação desse conhecimento aos interesses de públicos diversos (Moscovici, 1961/2012).

Em relação aos processos sociocognitivos de formação das representações sociais, é possível observar, no eixo temático 1 dos resultados, os processos de ancoragem do suicídio em diferentes sistemas de saber (Jodelet, 1984; Moscovici, 2004). A partir da ancoragem, destacou-se a incorporação do fenômeno em categorias familiares e funcionais preexistentes, mediante alguns ajustes na compreensão do objeto. Essa assimilação não foi feita sem juízos de valor, tendo em vista as dimensões valorativas historicamente elaboradas sobre as categorias em que o suicídio é inscrito, que se manifestam, inclusive, na sua nomeação (Jodelet, 1984; Trindade et al., 2011).

Correspondendo à atribuição de sentidos, que é uma das etapas do processo de ancoragem (Jodelet, 1984), o suicídio foi nomeado neste estudo como *transtorno mental*, *direito do indivíduo* e *crime*. A presença de ambiguidades e dissonâncias na nomeação do fenômeno demonstra que ele se constitui em diferentes unidades de significados (Moscovici, 2004). Essas redes articuladas e hierarquizadas de sentidos possibilitam compreensões mais precisas do objeto de acordo com a realidade social e, ancoradas em diversos saberes, aproximam-se do processo de categorização social (Trindade et al., 2011).

O processo de familiarização do suicídio pode também ser pensado a partir da categorização social por promover a organização de estruturas semânticas em categorias e estas, por sua vez, ganharem sentido através das representações sociais (Bonomo et al., 2020). Entretanto, diferentemente da categorização, a ancoragem possibilita transformações em representações sociais já estabelecidas (Cabecinhas, 2004). Através do enraizamento em sistemas de pensamento anteriores, as novas representações, ao mesmo tempo em que se inscrevem em um sistema de representações preexistentes, também transformam o conhecimento precedente (Jodelet, 1984; Trindade et al., 2011).

Neste estudo, tais transformações podem ser observadas nas unidades de significado que compreendem o suicídio como *transtorno mental*. A partir dessa nomeação, o objeto passa a integrar uma rede de significados que o inscreve dentro da lógica dos cuidados com a saúde. Tais narrativas são orientadas, de forma expressiva, a partir do paradigma médico. Esse paradigma pode, por vezes, focalizar apenas os aspectos individualizantes e patologizantes sobre o tema em detrimento de outros parâmetros, como os psicossociais. Considerando a etapa de instrumentalização do saber no processo de ancoragem, tal nomeação parece ser uma resposta às demandas de atualização das representações sociais de suicídio, que surgiram diante de novos valores, tradições e práticas sociais (Jodelet, 1984; Moscovici, 2004).

Por sua vez, a nomeação do objeto como *crime*, dentro de um sistema de categorias historicamente marcadas por estereótipos e valoração negativos (Bonomo et al., 2020), parece não se adequar totalmente às práticas socialmente aceitas, referentes aos temas em saúde no século XXI. Mesmo em reportagens que apresentam conteúdos que contribuem para a prevenção, tal discurso pode fortalecer dimensões representacionais com potencial de contribuir para o estigma em torno do suicídio.

Com as novas demandas de assimilação do fenômeno, há uma perturbação no vocabulário e na linguagem utilizada na comunicação dos jornais, aspectos que podem ser vistos nas oposições de sentido presentes neste estudo (Jodelet, 1984; Silva, 2021). Tais ambiguidades são vistas, principalmente, entre os termos *crime*, *direito do indivíduo* e *transtorno mental* e nos termos associados a cada uma dessas nomeações, como *cometer*, *dignidade* e *doença*. Ao conferir significados aos termos utilizados, de acordo com os processos de ancoragem instituídos, a mídia parece fazer o processo de mediação entre os discursos sobre suicídio e as práticas cotidianas, atribuindo e compartilhando tais sentidos por meio de uma linguagem de fácil compreensão (Moscovici, 2004; Silva, 2021).

Se no eixo temático 1 é possível observar as atualizações em curso das representações sociais de suicídio por meio do processo de ancoragem, no eixo temático 2 observa-se que o suicídio é objetivado a partir da imagem do indivíduo que se suicida. Neste estudo, relacionando-se com a face pública do fenômeno que se manifesta através do sujeito (Jovchelovitch, 2011), a objetivação dá forma concreta a conceitos abstratos e organiza os elementos constituintes das representações sociais de suicídio (Moscovici, 2004).

A partir da análise dos resultados, os núcleos figurativos parecem estar relacionados a três imagens principais acerca do sujeito que se suicida: i) como *a pessoa com transtorno*, que, nas reportagens, está presente de forma frequente na imagem de *crianças e adolescentes com depressão*; ii) *o problemático*, visto como *usuário de drogas* ou envolvido em *crimes*; e iii) *o vitimizado*, na figura do *guerreiro* injustiçado. Esses estereótipos podem não refletir as estatísticas brasileiras disponíveis sobre o perfil das pessoas que se suicidam e a multiplicidade de fatores que as levam a se suicidar, entretanto, tais elementos reproduzem o objeto de maneira concreta, seletiva e coerente, tornando-se expressões de uma realidade naturalizada nas reportagens analisadas (Boaventura et al., 2021; Jodelet, 1984; Moscovici, 2004).

Além do trabalho psicossocial que envolve a atuação dialógica entre sujeito e objeto sociais, as representações sociais só podem se manifestar a partir do contexto imediato de interação social, que, no presente estudo, é mediado pela mídia jornalística (Marková, 2006; Palmonari & Cerrato, 2011). Ao avaliar as implicações do contexto de inserção das representações sociais no eixo temático 3, nota-se que ele repercute na forma como o conteúdo é exposto nas reportagens (Flament & Rouquette, 2003; Justo et al., 2014). Quando são considerados os fatores individuais de vida, que buscam explicar o ato suicida, a força do discurso médico/científico se destaca na constituição das representações, principalmente na atribuição do ato ao sofrimento do sujeito. Quando, por sua vez, os fatores sociais que englobam quem tenta suicídio são pautados, eles aparecem como capazes de aumentar o sofrimento individual, ou seja, as forças macrosociais se projetam sobre o sujeito, de forma a individualizar a questão.

É possível afirmar que diferentes representações de suicídio são utilizadas conforme a demanda da circunstância, tendo em vista que o contexto abrange fatores contingentes a situações de interação social e faz com que a mesma representação se manifeste de formas distintas (Flament & Rouquette, 2003; Justo et al., 2014). Ou seja, ao falar sobre representações sociais de suicídio, considera-se também as condições em que tais representações emergem e são expressas (Justo et al., 2014). Essa noção de contexto social também pode ser pensada por meio do conceito de metassistema, que é constituído por regulações sociais normativas que controlam processos cognitivos, em que indivíduos podem intervir diferentes metassistemas, de acordo com a ocasião (Doise, 2011; Justo et al., 2014).

Em relação às escolhas editoriais do jornal *Folha de São Paulo*, discute-se como o jogo midiático se utiliza de narrativas que podem promover a estigmatização do fenômeno. Dentre inúmeras maneiras que poderiam ser escolhidas para noticiar o tema, as dualidades ‘ciência *versus* religião’, ‘bom *versus* mau’ e ‘doença *versus* caráter’ são padrões que parecem se repetir sustentando os conteúdos noticiados. Em conjunto com a presença marcante do discurso científico, esse horizonte de representações sociais mantém uma dualidade na construção de um discurso público que, por um lado, estimula o debate do suicídio como problema de saúde pública evitável e, por outro, faz uso de recursos que têm o potencial de aumentar o número de mortes autoprovocadas para repercutir as notícias (Binotto & Bruno, 2021; Jovchelovitch, 2011).

A partir dessa lógica, reavaliar o contexto de apresentação de tais conteúdos na mídia poderia contribuir para maior qualificação das reportagens no âmbito da prevenção, tendo em vista que ela só se torna possível quando o âmbito social também é considerado. A ampliação das concepções em saúde mental para além das questões individuais poderia favorecer a compreensão do papel das estruturas e práticas cotidianas na produção do sofrimento coletivo. Reitera-se, portanto, a importância de destacar os aspectos psicossociais do suicídio em discursos públicos.

Considerações Finais

Este estudo investigou as representações sociais de suicídio em reportagens veiculadas pelo jornal *Folha de São Paulo*. Para alcançar o objetivo geral proposto, a investigação foi guiada a partir dos seguintes objetivos específicos: i) como o objeto social suicídio é abordado nas reportagens; ii) quais significados são associados ao sujeito que se suicida; e iii) quais são os contextos descritos no âmbito do fenômeno suicídio retratado no conteúdo jornalístico analisado.

Os resultados demonstraram que, nos sentidos elaborados sobre o suicídio, há relações de oposição e de complementariedade. Nas significações sobre o sujeito que se suicida, observaram-se denominações descritivas, pejorativas e com sentidos positivos, enquanto em relação ao contexto do suicídio, os significados foram organizados a partir do contexto social em que o ato ocorre e do contexto de vida individual de quem sofre. A partir do exposto, discutiu-se sobre os processos de ancoragem e de objetivação e sobre a dimensão contextual das representações sociais de suicídio. No processo de ancoragem, a nomeação do objeto como *transtorno mental* pareceu atender a demandas de atualização das representações às práticas de saúde do século XXI. No processo de objetivação, destacaram-se as três classificações do sujeito que se suicida, como *a pessoa com transtorno*, *o problemático* e *o vitimizado*.

Cabe ressaltar que esta investigação se limitou à análise de reportagens de um único jornal brasileiro, em um período temporal específico e com foco apenas no conteúdo veiculado pelo jornal no *Twitter*. Entretanto, reitera-se o papel dos veículos midiáticos na produção do conhecimento popular sobre assuntos relativos à saúde pública, principalmente em relação ao suicídio, para que as publicações sobre o fenômeno sejam feitas de maneira responsável e benéfica para a população. Por fim, sugere-se que novos estudos sejam realizados com outros tipos de mídia, levando em conta a importância do contexto de inserção das representações sociais de suicídio e considerando a sua repercussão na forma como tais conteúdos podem exercer influência sobre ações individuais e coletivas.

Referências

- Alexandre, M. E. S., Bezerra, V. A. S., & Bú, E. A. (2021). Representational structure of suicide by college students and its psychosocial brands. *Trends in Psychology*, 29(2), 222–240. <https://doi.org/10.1007/s43076-020-00041-3>
- Bardin, L. (2002). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bezerra, V. A. S., Sousa, R. S., Aleixo, A. S., & Diniz, F. C. O. R. (2021). Representações sociais de estudantes sobre a pessoa que se suicida. In: P. A. Castro, G. C. C. Silva, R. J. S. Cavalcanti, A. V. Silva, & G. Silva (Eds.), *Conedu – Escola em tempos de conexões* (pp. 1632–1652). <https://doi.org/10.46943/vii.conedu.2021.03.082>
- Binotto, M., & Bruno, M. (2021). Confini e nemici. Immaginario e frame delle migrazioni nel discorso pubblico italiano. *H-ermes Journal of Communication*, 19, 181–206. <https://doi.org/10.1285/i22840753n19p181>
- Boaventura, M. A., Reis, E. Á., Godinho, I. C., Oliveira Filho, L. H., Caixeta, N. C., Castro, V. E., Rabelo, M. R. G., & Nunes, M. R. (2021). Doenças mentais mais prevalentes no contexto da atenção primária no Brasil: Uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(5), 19959–19973. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n5-121>
- Bonomo, M., Melotti, G., Lucas, L. S., Batista, R. R., Cardoso, G. K. A., & Eleotério, I. S. (2020). Representações sociais de ciganos: Ancoragem histórica, categorização social e a invenção do outro cigano. *Memorandum*, 37, 1–23. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2020.19907>
- Cabecinhas, R. (2004). Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. *Paidéia*, 14(28), 125–137. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200003>
- Calile, O. H. B. O., & Chatelard, D. S. (2021). Representações sociais sobre suicídio. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 9(2), 1–14. <https://doi.org/10.18554/refacs.v9i2.5408>
- Doise, W. (2011). Sistema e metassistema. In: A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos, & Z. A. Trindade (Eds.), *Teoria das Representações Sociais – 50 anos* (pp. 163–210). Technopolitik.
- Flament, C., & Rouquette, M. L. (2003). *Anatomie des idées ordinaires: Comment étudier les représentations*. Armand Colin.
- Hjelmeland, H., & Knizeth, B. L. (2017). Suicide and mental disorders: A discourse of politics, power, and vested interests. *Death Studies*, 41(8), 481–492. <https://doi.org/10.1080/07481187.2017.1332905>
- Instituto Verificador de Comunicação [IVC]. (2020). *Posição participação e evolução das publicações – Janeiro a Dezembro de 2020, edições digitais*. <https://ivcbrasil.org.br/#/home>
- Jodelet, D. (1984). La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In: S. Moscovici (Eds.), *Psicología Social II: Pensamiento y vida social, Psicología Social y problemas sociales* (pp. 469–494). Paidós.
- Jovchelovitch, S. (1996). Espaços de mediação e gênese das representações sociais. *Psico*, 27(1), 193–205.
- Jovchelovitch, S. (2011). Representações sociais e polifasia cognitiva: Notas sobre a pluralidade e sabedoria da razão em psicanálise, sua imagem e seu público. In: A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos, & Z. A. Trindade (Eds.), *Teoria das Representações Sociais – 50 anos* (pp. 159–176). Technopolitik.
- Justo, A. M., Camargo, B. V., & Alves, C. D. B. (2014). Os efeitos de contexto nas representações sociais sobre o corpo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(3), 287–297. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000300006>
- Kravetz, P. L., Madrigal, B. C., Jardim, E. R., Oliveira, E. C., Muller, J. G., Prioste, V. M. C., Wanderbroocke, A. C., & Polli, G. M. (2021). Representações sociais do suicídio para adolescentes de uma escola pública de Curitiba, Paraná, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(4), 1533–1542. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.09962019>

- Lucas, L. S., & Bonomo, M. (2022). “Suicídio?! E eu com isso?”: Representações sociais de suicídio em diferentes contextos de saber. Editora Dialética.
- Lucas, L. S., & Bonomo, M. (2023). Representações sociais de suicídio entre voluntários do Centro de Valorização da Vida. *Revista de Psicologia da UFC*, 14, 1–16. <http://dx.doi.org/10.36517/revpsiufc.14.2023.e023002>
- Lucas, L. S., Bonomo, M., Flauzino, T. A., Zamborlini, V. V., & Ferreira, B. A. M. (2021). “Suicídio?! E eu com isso?”: Representações sociais de suicídio em comentários de usuários do Facebook. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(1), 196-216. <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2021.59380>
- Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais: As dinâmicas da mente*. Vozes.
- Meira, S. S., Vilela, A. B. A., Lopes, C. R. S., Alves, J. P., Pereira, H. B. B. (2020). Análise cognitiva das representações sociais de profissionais da emergência hospitalar sobre suicídio. *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 16(4), 3-12. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.166424>
- Melo, F. C. P., Ferreira, J. E. A., Ferreira, J. A., Sousa, N. S., & Nunes, N. E. S. (2020). Representações sociais sobre o suicídio “tecidas” por professores(as) de escolas públicas de Santarém – PA. *Revista Educação e Humanidades*, 1(2), 133–156.
- Moscovici, S. (2004). *Representações sociais: Investigações em Psicologia social* (2a ed.). Editora Vozes.
- Moscovici, S. (2012). *Psicanálise, sua imagem e seu público*. Editora Vozes. (Trabalho original publicado em 1961).
- Moutier, C. Y., Pisani, A. R., & Sthal, S. M. (2021). *Suicide Prevention, a Stahl's handbook*. Cambridge University Press.
- Oliveira, D. C. (2008). Análise de conteúdo temático-categorial: Uma proposta de sistematização. *Revista de Enfermagem UERJ*, 16(4), 569-576. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-512081>
- Oliveira, E. F. S., Coutinho, M. P. L., Costa Filho, J., Pinto, I. C. B. L., Pereira, E., Sobrinho, & Coutinho, M. L. (2023). Representações sociais e ancoragens do suicídio e ideação suicida por profissionais de segurança pública. *Revista Contemporânea*, 3(9), 15369–15389. <https://doi.org/10.56083/RCV3N9-101>
- Oliveira, E. F., Bonomo, M., & Rosa, E. M. (2024). Direita e esquerda: Os dissensos no debate sobre as cotas universitárias nas revistas Carta Capital e Veja. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 47, 1-12. <https://doi.org/10.1590/1809-58442024113pt>
- Oliveira, M. E. C., Gomes, K. A. L., Nóbrega, W. F. S., Gusmão, E. C. R., Santos, R. D., Franklin, R. G. (2020). Série temporal do suicídio no Brasil: O que mudou após o Setembro Amarelo? *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 48, 1-10. <https://doi.org/10.25248/reas.e3191.2020>
- Organização Mundial da Saúde [OMS]. (2000). *Prevenção do suicídio: Um manual para profissionais da mídia*.
- Organização Mundial da Saúde [OMS]. (2008). *Preventing suicide: A resource for media professionals*.
- Organização Mundial da Saúde [OMS]. (2017). *Preventing suicide: A resource for media professionals – Update 2017*.
- Palmonari, A., & Cerrato, J. (2011). Representações sociais e Psicologia Social. In: A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos, & Z. A. Trindade (Eds.), *Teoria das Representações Sociais – 50 anos* (pp. 402-441). Technopolitik.
- Silva, T. H. (2021). *Representações sociais de velhice e práticas de qualidade de vida entre idosos e profissionais de CCTIs de Vitória/ES*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Espírito Santo. Portal Psicologia na Assistência Social. <https://sites.usp.br/psicologianaassistenciasocial/representacoes-sociais-de-velhice-e-praticas-de-qualidade-de-vida-entre-idosos-e-profissionais-de-cctis-de-vitoria-es-2021/>
- Sinyor, M., Hartman, M., Zaheer, R., Williams, M., Pirkis, J., Heisel, M. J., Schaffer, A., Redelmeier, D. A., Cheung, A. H., Kiss, A., & Niederkrotenthaler, T. (2023). Differences in suicide-related Twitter content according to user influence.

Crisis: The Journal of Crisis Intervention and Suicide Prevention, 44(4), 292–299. <https://doi.org/10.1027/0227-5910/a000865>

Sinyor, M., Williams, M., Zaheer, R., Loureiro, R., Pirkis, J., Heisel, M. J., Schaffer, A., Redelmeier, D. A., Cheung, A. H., & Niederkrotenthaler, T. (2021). The association between Twitter content and suicide. *The Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 55(3), 268–276. <https://doi.org/10.1177/0004867420969805>

Till, B., Tran, U. S., & Niederkrotenthaler, T. (2020). The impact of educative news articles about suicide prevention: A randomized controlled trial. *Health Communication*, 36(14), 2022–2029. <https://doi.org/10.1080/10410236.2020.1813953>

Trindade, Z. A., Santos, M. F. S., & Almeida, A. M. O. (2011). *Teoria das Representações Sociais – 50 anos* (pp. 133-162). Technopolitik.

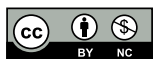
Como citar:

Lucas, L. S., & Bonomo, M. (2025). Suicídio, Indivíduo e Contexto: Representações Sociais de Suicídio em um Jornal Brasileiro. *Revista Subjetividades*, 25(1), e15138. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25i1.e15138>

Endereço para correspondência:

Lorena Schettino Lucas
E-mail: lorenaschettino@hotmail.com

Mariana Bonomo
E-mail: mariana.bonomo@ufes.br



Recebido em: 29/03/2024.

Aceito em: 26/12/2024.